

ARTICULAÇÕES ENTRE PESQUISA QUALITATIVA E PSICANÁLISE

Carlos Del Negro Visintin

Psicólogo pela PUC-Campinas. Mestre em psicologia e Doutor em psicologia pela mesma instituição. Docente da UNIFACP.
E-mail: carlos.visintin@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se apresentar as diferentes possibilidades de articulação entre pesquisa qualitativa e psicanálise. Justifica-se, pois pode esclarecer fundamentos teóricos a serem considerados diante da pluralidade metodológica do âmbito qualitativo.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, psicanálise, método psicanalítico.

1. ARTICULAÇÕES ENTRE PESQUISA ACADÊMICA E PSICANÁLISE

Lembrando que, por variadas razões, que não incluíam o desinteresse do fundador da psicanálise pela ciência ou pela academia, começamos a discutir a articulação entre pesquisa acadêmica e psicanálise apontando que esta se desenvolveu, em seus primórdios, fora do ambiente universitário (FREUD, 1919/1955). Contudo, essa situação, que perdurou por muitas décadas, veio a sofrer grandes modificações na medida em que, sem que as sociedades psicanalíticas tenham deixado de existir e mesmo de proliferar, o saber psicanalítico tornou-se e se tem mantido muito presente nas universidades. No caso do Brasil, o vigor com o qual a psicanálise veio a penetrar, tanto nos cursos de graduação, quanto em programas de pós-graduação em psicologia, gerando uma produção expressiva de pesquisas, vem sendo reconhecido e valorizado internacionalmente (ROUDINESCO, 2003).

Quando buscamos melhor conhecer as pesquisas acadêmicas, que se articulam com a psicanálise, deparamo-nos com uma interessante distinção, formulada por Herrmann (2004), um dos psicanalistas que mais se dedicou, entre nós, à pesquisa acadêmica com o método psicanalítico. Embora sua perspectiva teórica não coincida com a psicologia psicanalítica concreta que adotamos, não deixamos de nos beneficiar do uso de ponderações que o psicanalista brasileiro realizou a partir do seu interesse pela pesquisa universitária e de sua experiência como orientador na pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

No entender de Herrmann (2004), encontramos três tipos de estudo nos quais pesquisa acadêmica e psicanálise são articuladas na literatura especializada. A essas, acrescentamos um quarto tipo que pode ser identificado como psicossociais: Pesquisas teóricas, Pesquisas empíricas, Pesquisas clínicas e Pesquisas psicossociais.

As pesquisas teóricas seriam aquelas que se voltam para o estudo de desenvolvimentos teórico-conceituais da psicanálise, visando acompanhar o modo como problemas, com os quais se defronta o psicanalista, seriam teoricamente solucionados por meio da proposição de conceitos e teorias psicológicos e psicopatológicos. Para isso, tomam textos teóricos psicanalíticos como objetos de estudo. Podemos citar, como exemplo desse tipo de pesquisa, trabalhos realizados por autores com formação filosófica, como Mezan (2020), ou por autores que, sendo psicólogos de formação, mantém laços estreitos com o campo da filosofia, como Fulgencio (2020).

No nosso entender, tais produções revelam-se úteis quando intentamos compreender o pensamento de grandes autores, além da organização de seu próprio pensamento. Podemos aqui recordar, como um bom exemplo desse tipo de produção, a tese de doutorado de Leda Herrmann (2004) que, orientada por A. Naffah, analisou a proposta metodológica de F. Herrmann (1979), conhecida como Teoria dos Campos. Trata-se de trabalho valioso que combina análise precisa do trabalho conceitual do pensamento herrmanniano com a respeitável experiência clínica e de pesquisa da autora.

As investigações do segundo tipo, designadas como “pesquisas empíricas”, seriam aquelas que adotam desenhos positivistas para cumprir dois diferentes tipos de objetivos:

1. estudar e testar hipóteses que derivam de enunciados teóricos psicanalíticos
2. verificar de modo positivista a eficácia clínica de intervenções psicanaliticamente orientadas

Por um lado, o primeiro subconjunto, ou seja, aquele constituído pela verificação da validade de certas proposições teóricas, corresponde a trabalhos que objetivam examinar a veracidade ou não falseabilidade de enunciados psicanalíticos. Exemplo desse tipo de iniciativa é o estudo de Simon (1993), que busca examinar a veracidade de hipóteses formuladas por dois psicanalistas, sobre as relações de objeto primitivas, por meio do uso de um instrumento projetivo.

Por outro, o segundo subconjunto das pesquisas, constituído por estudos positivistas sobre eficácia clínica de intervenções psicológicas, caracteriza-se pela realização de vários tipos de avaliações e mensurações psicológicas, antes e depois da intervenção, cuja potência se quer apreciar, para verificar a ocorrência eventual de benefícios e melhoras. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Leuzinger-Bohleber et al. (2019) que, comparando a eficácia da terapia cognitivo-comportamental e da terapia psicanalítica de pacientes com depressão crônica por meio do *Quick Inventory of*

Depressive Symptoms [QIDS] e do Inventário de Beck de Depressão, percebeu que ambas as terapias levam a melhorias significativas e sustentadas ao longo do tempo, de modo que não foi encontrada diferença na eficácia clínica dos dois tratamentos.

Como se vê, as “pesquisas empíricas”, que articulam psicanálise e abordagem objetivante, na avaliação de eficácia de procedimentos clínicos, são realizadas por autores que usam a psicanálise enquanto método clínico, mas não enquanto método investigativo de produção de conhecimento sobre o humano.

Do nosso ponto de vista, estudos de eficácia clínica revelam-se de suma importância, porque, segundo imperativos éticos, intervenções psicológicas, como todas as intervenções de cuidado, merecem ser estudadas tendo em vista verificar se geram benefícios significativos ou não. Da mesma maneira, é necessário, também do ponto de vista ético, determinar o benefício da intervenção, abarcando a experiência do participante ao longo do processo da avaliação de eficácia clínica. Deste modo, realizar estudos avaliativos de eficácia, no âmbito da psicologia clínica, corresponde a uma iniciativa legítima. Entretanto, é indispensável frisar que concordamos com Ambrosio (2013) quando se posiciona contrariamente ao uso de instrumentos que colocam o paciente em posição de objeto a ser avaliado, na medida em que tal medida se choca com intervenções compreensivas, que se definem por ocorrerem como encontros inter-humanos. Por esse motivo, Ambrosio empenhou-se em desenvolver, em sua tese de doutorado, uma forma de apreciação de benefícios derivados de intervenções psicológicas compreensivas que não interferem com o acontecer clínico.

O terceiro grupo de pesquisas acadêmicas, identificado por Herrmann (2004), o das pesquisas clínicas, requer uma certa atenção, porque o adjetivo “clínico” pode ser usado em mais de um sentido. Em acepção comum, a pesquisa clínica é aquela que se faz a partir do atendimento de pacientes. Entretanto, forjando o conceito de clínica extensa ou ampliada, perfeitamente condizente com o sentido que Bohoslavsky (1977) atribui à abordagem dita clínica, Herrmann (2004) opera um movimento bastante interessante que, num único golpe, recupera Freud como modelo de pesquisador capaz de teorizar a partir dos mais variados encontros inter-humanos – que se dão no cotidiano e toda vez que se vê diante de obras artísticas e culturais, bem como de fenômenos sociais - e não apenas a partir daquilo que se vive nas sessões com seus próprios pacientes. O termo “clínica” figura, nesse contexto, sob uma acepção muito precisa, que não se confunde com aquela que mantém no campo da medicina, no sentido de tratamento não-cirúrgico, para associá-lo à cura que, em seu sentido original, que é ético e não técnico, conota, de modo abrangente e ampliado, todo cuidado do humano. Nessa acepção, podem ser designadas como clínicas uma série de atividades que invocam potenciais criativos de coexistência, tendo por foco a melhoria da vida dos seres humanos (PLASTINO, 2012). Para Herrmann

(1979), essa é a cura que importa. Concordando com tal ideia, entendemos que, quando realizamos pesquisa com método psicanalítico, buscamos produzir conhecimento que possa beneficiar as pessoas como singularidades individuais e como integrantes do coletivo humano.

Assim, ao definir, como pesquisa clínica psicanalítica, investigações que se articulam à psicanálise enquanto método investigativo, Herrmann (2004) descortina e fundamenta, com rigor, um caminho dotado de notável fecundidade heurística. Sob a pena de Herrmann (2004), o termo “clínico” é preciso, descolando-se da acepção comum no campo da medicina, mas não se limita àquilo que a grande maioria dos autores psicanalíticos entende como tal. Em sua visão, como veremos, as pesquisas clínicas podem incluir, mas ultrapassam, as investigações que, desde os primórdios do estabelecimento do campo psicanalítico, sempre foram consideradas como pesquisa psicanalítica por excelência: aquela que se realizaria ao longo das próprias análises, usando como material as comunicações dos pacientes. Tal atividade de registro de sessões, com vistas a produzir novos conhecimentos, ao lado da formação de psicanalistas clínicos, justificaria a própria existência das sociedades de psicanálise.

Entretanto, a nosso ver, seria importante acrescentar, aos três tipos de pesquisa identificados por Herrmann (2004), um quarto tipo, já apontado por Assis (2019), para fazer jus a certas iniciativas que têm ocorrido principalmente em universidades inglesas. Referimo-nos aos chamados estudos psicossociais que consistem, segundo percebemos, em formas de articulação entre pesquisa acadêmica e teorias psicanalíticas - especialmente, mas não exclusivamente, lacanianas. Talvez um dos trabalhos mais destacados, nesse grupo, sejam os de S. Frosh e os de I. Parker, autores que vêm mantendo certo intercâmbio com a universidade brasileira (FROSH & MANDELBAUM, 2017; GOULART, BURMAN & PARKER, 2019).

De todo modo, julgamos importante sinalizar que o uso de teorias psicanalíticas na busca de compreensão de fenômenos sociais não deixa de ser polêmico. Há autores, como Herrmann (2004), com o qual concordamos, que advertem contra o que seria, a seu ver, mera aplicação de teorias psicanalíticas, sustentando que a única forma de seguir fiel ao conhecimento psicanalítico seria adotar seu método, que apresenta finalidade heurística, em *settings* clínicos e na pesquisa clínica social. Nessa perspectiva, a aplicação desta ou daquela teoria psicanalítica estabelecida seria uma atividade submissa e pouco criativa, que colocaria a psicanálise na incômoda posição de construção dogmática – traindo, assim, sua vocação de processo de produção contínua de novos conhecimentos que seu método investigativo sustenta. Entretanto, autores adeptos do uso aplicado de teorias, como Parker (2010), argumentam acerca da fecundidade do uso das teorias psicanalíticas, uma vez que já fariam parte do discurso social. Há, aí, um paradoxo, sobre o qual não

pretendemos nos deter, porque estranhamos o fato de autores, que defendem posições críticas em relação ao mundo social, adotarem posições submissas diante de certas teorias psicanalíticas, como se essas pairassem acima de toda crítica. O fato não deixa de ser muito curioso quando lembramos que a dimensão metodológica da psicanálise, primária em relação às teorias e aos procedimentos clínicos, é absolutamente compatível e, inclusive, facilita o cultivo de posicionamentos críticos em relação às teorias estabelecidas e à realidade social.

Para concluir a primeira parte do presente texto, onde apresentamos quatro diferentes tipos de estudo, por meio dos quais podem ser realizadas articulações entre pesquisa acadêmica e psicanálise, destacamos que a nossa própria produção, inscreve-se no terceiro tipo de pesquisa. Assim, declaramo-nos concordes o uso do método psicanalítico seja em contextos de atendimento clínico, seja em enquadres clássicos, seja em enquadres diferenciados, como na abordagem de outras formas de manifestação humana, como produções culturais e fenômenos sociais.

Considerando que nossa própria pesquisa se inclui entre aquelas que articulam a pesquisa qualitativa com uso da psicanálise enquanto método investigativo, dedicaremos a próxima seção a um detalhamento sobre as variadas possibilidades por meio das quais esse tipo de trabalho investigativo pode ser realizado.

2. PESQUISA QUALITATIVA COM MÉTODO PSICANALÍTICO

Os autores que articulam a realização de pesquisas empíricas qualitativas com o método psicanalítico, vale dizer, que realizam pesquisas do terceiro tipo, que Herrmann (2004) designa como clínicas, abrangendo o que denomina clínica extensa dos fenômenos sociais e culturais, além de sessões de atendimento realizadas em múltiplos enquadres, reconhecem que a psicanálise foi definida e praticada por Freud (1922/1955) como comportando três diferentes dimensões, estreitamente relacionadas, mas discerníveis, que seriam as de Método de investigação, Método terapêutico e Teorias. Percebem, assim, que as teorias e a terapêutica derivariam do método investigativo, admitindo que a dimensão metodológica investigativa guarda primazia e anterioridade lógica sobre as demais. Lembramos que o método segue duas regras de ouro, a livre associação de ideias e a atenção flutuante.

Tais conceitos, que são clássicos, passam a impressão de que a psicanálise, tal como foi descrita por Anna O., seria uma “*talking cure*”, que se realizaria sempre como uma troca verbal. Contudo, os próprios desenvolvimentos do campo psicanalítico, associados à recepção de pacientes que apresentavam outras patologias, além da neurose, vieram a

demonstrar que a associação livre de ideias e a atenção flutuante podem ser adaptadas de modo a abarcar comunicações não verbais. Exemplos de experiências clínicas não predominantemente verbais podem ser aqui lembrados, como quando crianças brincam nas sessões de ludoterapia, como mostra, por exemplo Tardivo (2011), quando arteterapia psicanalítica é realizada com o auxílio de materialidades mediadoras e sem enunciação de sentenças interpretativas, como mostra, por exemplo, Ambrosio (2013), ou quando atividades gráfico-verbais são disponibilizadas para facilitar a comunicação emocional em pesquisa, como mostra, por exemplo, Fabris-Zavaglia (2020). As adaptações das regras fundamentais do método psicanalítico se sustentam no reconhecimento de que os seres humanos “falam” por outras vias além da verbal. Desse modo, todos os atos humanos, que sempre carregam sentido afetivo-emocional, podem ser pensados como expressões de personalidades individuais ou coletivas, de modo que a atenção flutuante se torna uma postura de recepção à totalidade do acontecer inter-humano e não apenas à fala do paciente, enquanto que a associação de ideias é o convite à expressão maximamente franca e não censurada.

Com esta consideração, é possível ampliar o uso das regras de ouro do método psicanalítico com rigor, uma vez que podem versar não apenas sobre a fala, mas, sim, sobre o drama, no sentido que o termo assume no texto de Politzer (1928/2004). Assim, as regras abrangem tudo aquilo que é emocionalmente relevante, seja por parte daquele que “fala”, seja por parte daquele que “escuta”, acolhendo tal drama.

O uso do método psicanalítico em pesquisa pode ser feito de muitas diferentes formas em variados desenhos investigativos. Esse leque de possibilidades pode ser organizado, aqui, segundo dois diferentes critérios, que abordaremos a seguir:

1. de acordo com o material de pesquisa utilizado
2. de acordo com o uso do método psicanalítico de modo exclusivo, ao longo de todos os procedimentos investigativos, ou de modo combinado com técnicas não psicanalíticas.

Método psicanalítico de investigação e settings de produção do material de pesquisa

No que diz respeito ao tipo de material passível de ser utilizado em pesquisa qualitativa com método psicanalítico, podemos distinguir quatro tipos de pesquisa:

1. Pesquisas com material proveniente de sessões clínicas
2. Pesquisas com material proveniente de entrevistas individuais ou coletivas
3. Pesquisas com materiais culturais ou artísticos
4. Pesquisas com manifestações de internautas

Sabemos que sessões clínicas correspondem a um tipo encontro inter-humano suficientemente capaz de favorecer expressões subjetivas e mudanças no modo como

pacientes atendidos se vinculam com outras pessoas em suas vidas (AMBROSIO, 2013). Um dos aspectos mais importantes das sessões psicanalíticas é a sua condição de constelar e tornar visível o fenômeno da transferência.

Entretanto, é importante lembrar que transferências ocorrem em todos os encontros inter-humanos, constituindo-se inclusive como um fenômeno inevitável (GREENBERG & MITCHELL, 1983). Assim, mesmo que convenhamos que a sessão psicanalítica seja uma situação em que a transferência pode ser mais facilmente percebida, o que a torna um *locus* precioso na produção de conhecimento qualitativo com o método psicanalítico, admitir que a transferência não se dá exclusivamente nela abre outras possibilidades, já empiricamente demonstradas, por meio das quais o método pode ser colocado em marcha. Em suma, é exatamente porque a transferência se constela em toda e qualquer relação inter-humana que o método freudiano não é potente apenas no consultório do psicanalista clínico. Nesse sentido, notamos, no mínimo, outras três possibilidades de situações humanas que vem sendo pesquisadas na produção de conhecimento mediante o uso do método psicanalítico, vale dizer, entrevistas de pesquisa, produções culturais e fenômenos sociais, bem como manifestações de internautas, as quais serão melhor apresentadas a seguir.

Entretanto, antes de discorrer sobre usos produtivos do método psicanalítico fora de sessões clínicas, não queremos deixar de assinalar que vários autores posicionam-se contrariamente a tais iniciativas. Assim, não ignoramos a insistência, a nosso ver profundamente equivocada, de tomar o método investigativo da psicanálise como idêntico à terapêutica dos distúrbios neuróticos, mas acreditamos que essa questão já foi superada pelo próprio Freud (1922/1955), com muita precisão e clareza, quando demonstrou que a vocação da psicanálise ultrapassa notavelmente seu uso específico como forma altamente sofisticada de psicoterapia, permitindo abordar fenômenos tais como os sonhos e eventos da vida cotidiana (FREUD, 1900/1955).

O assunto também foi incansavelmente debatido, entre nós, por Herrmann (2004), conforme bem demonstrou Leda Herrmann (2004). Contudo, até hoje, publicações recentes, como aquela produzida na Universidade de São Paulo por Fulgencio e Coelho (2018), trazem argumentos a favor da indistinção entre método de pesquisa e terapêutica. Argumentando que não há um método psicanalítico na pesquisa, caem, a nosso ver, inadvertidamente, na possibilidade de apequenar o valor heurístico das investigações psicanalíticas sobre a vida cultural.

Sobre pesquisas que usam entrevistas individuais ou coletivas, notamos que algumas entrevistas psicológicas, como aquela proposta por Bleger (1964/1975), seguem fielmente o método psicanalítico, segundo duas diferentes possibilidades, que consistem em ocorrerem de modo exclusivamente verbal ou organizadas ao redor do uso de recursos

mediadores. Em ambos os casos, o método psicanalítico é colocado em marcha por meio da criação de um ambiente no qual ações e reações afetivas inconscientes entrarão em jogo, de modo a permitir que os fenômenos transferenciais sejam tornem-se mais facilmente perceptíveis. Cabe aqui lembrar que, tal como ocorre em sessões de atendimento, em enquadre padrão ou diferenciados, tais entrevistas devem não apenas ser conduzidas levando em conta recomendações metodológicas, que permitem que o campo transferencial seja conformado segundo os modos de ser dos entrevistados, mas levando também em conta cuidados éticos que devem presidir todo e qualquer encontro inter-humano, já que entendemos que as ciências humanas não lidam com objetos passivos, mas com pessoas.

Um exemplo de uso produtivo do método psicanalítico em entrevistas, que nos é bastante caro, por incidir sobre questão altamente relevante, vale dizer, o racismo brasileiro, permaneceu praticamente desconhecido durante algumas décadas, para ser resgatado, em doutorado defendido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, por Aiello-Fernandes (2018). Trata-se de um mestrado, defendido na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pela socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo (1955), autora historicamente bastante conhecida por ter contribuído decisivamente para o desenvolvimento da psicanálise brasileira na condição de ser a primeira associada não médica da Sociedade Psicanalítica de São Paulo. Provavelmente, Bicudo foi pioneira no uso do método psicanalítico de investigação universitária em ciências humanas, na medida em que organizou seu mestrado a partir da realização de entrevistas psicológicas orientadas de acordo com o uso do método psicanalítico, o que lhe permitiu alcançar uma compreensão dos sentidos afetivo-emocionais vinculados à questão pesquisada.

Por outro lado, vale a pena mencionar Sophie Gilbert, pesquisadora que também tem usado o método psicanalítico em entrevistas de pesquisa. Sendo docente da Université du Québec à Montreal, esta autora entende que a criação de um método qualitativo de pesquisa corresponde, pelo seu caráter rigoroso e inovador, a um dos mais importantes feitos freudianos. A seu ver, o método da psicanálise influencia a própria atitude do pesquisador que, por essa via, pode aprender que sua subjetividade não deve ser descartada, mas, ao contrário, utilizada e valorizada, uma vez que visa produzir conhecimentos sobre os sentidos afetivo-emocionais de manifestações de conduta. A autora realizou trabalho teórico recente sobre o uso do método psicanalítico na pesquisa, concluindo que a atitude de abertura, adotada pelo pesquisador, contribui significativamente para a ampliação e aprofundamento do trabalho (GILBERT, 2020). Sua forma psicanalítica de pesquisar pode ser conhecida por meio do exame de seus trabalhos empíricos, entre os quais destacamos aquele em que aborda jovens adultos itinerantes. Valendo-se do método psicanalítico para realizar entrevistas de pesquisa, Gilbert (2007)

obteve resultados interpretativo que apontaram para a vigência de associação entre comportamentos antissociais, como, por exemplo, toxicodependência ou delinquência, e sentimentos, como vergonha ou depressão, alinhando-se, assim, nitidamente com aqueles autores que consideram que os sintomas se vinculam à experiência vivida, à dramática do viver. Nas palavras da autora, “nossa metodologia obviamente evoca associação livre e atenção flutuante, ou seja, as atitudes típicas do entrevistador psicanalítico” (2007, p. 285, tradução nossa).

Na Inglaterra, Hollway e Jefferson (2013), por sua vez, empenharam-se igualmente no uso do método psicanalítico, enquanto método investigativo, chegando a produzir um primoroso manual de pesquisa qualitativa com método psicanalítico, intitulado “*Doing Qualitative Research Differently*” (Hollway & Jefferson, 2013). A seu ver, o material empírico seria produzido no encontro da dupla participante-pesquisador, a partir do que chamam de “*free association narrative interview method*” ou “método de entrevista narrativa de associação livre”, que ficou conhecido na literatura internacional como “FANI” ou “FANIM”. HOLLWAY e JEFFERSON (2013) afirmam emprestar o princípio psicanalítico de associação livre, de modo a facilitar a emergência de pensamentos, crenças e verdades subjetivas eventualmente não conscientes. A seu ver, entrevistas de pesquisa, realizadas mediante o uso do método psicanalítico, podem ocorrer em várias situações e versar sobre diversas temáticas, não surpreendendo que seu trabalho seja considerado seminal e um dos melhores modelos de pesquisa qualitativa em articulação com o método da psicanálise (HOGGETT, 2015; MIDGLEY, 2006). Podemos citar, como estudo empírico, o trabalho de Hollway (2010) em que, ao usar tal entrevista para compreender o caso de uma mãe, com vistas a melhor entender o conflito entre a maternidade e o trabalho, teve como resultado a consideração segundo a qual o tornar-se mãe priva a mulher de liberdade de expressar sua individualidade, de modo que as necessidades do filho podem tornar mais difíceis a separação mãe-bebê em contextos laborais.

Materiais culturais ou artísticos, por outro lado, também podem ser produtivamente usados em pesquisas qualitativas com método psicanalítico. A obra freudiana conta com vários estudos desse tipo que até hoje despertam a atenção de estudiosos das ciências humanas, como, por exemplo, *Gradiva* (FREUD, 1907/1955) e *Da Vinci* (FREUD, 1910/1955). Deste modo, entendemos que tais estudos do fundador da psicanálise demonstram, com clareza, como a arte reflete questões existenciais, de modo a favorecer teorizações psicológicas sobre a vida humana. No estudo sobre a *Gradiva* de Jensen, por exemplo, Freud examina a estruturação do pensamento delirante, para concluir que, nesse tipo de sintoma, a fantasia detém primazia em relação ao raciocínio crítico. Em *Da Vinci*, Freud conduz o leitor ao claro entendimento sobre como os mais diversos atos psíquicos, como sonhos e lembranças, podem elucidar a vida emocional do indivíduo.

Na atualidade, percebemos que este tipo de estudo continua a verdejar no âmbito da pesquisa, valendo-se de, por exemplo, filmes, documentários e séries sobre diversas temáticas em investigações qualitativas, além da análise de contos de fadas e histórias infantis. Nesse sentido, observamos uma rica relação entre psicanálise e objetos culturais, cuja importância se liga ao fato de revelarem fantasias socialmente produzidas e compartilhadas. Tal impacto fica evidente na prática clínica na medida em que pacientes comunicam ao analista sobre o que assistiram, leram e até mesmo escutaram, além do que conversaram com seus pares sobre tais objetos culturais. Deste modo, podemos conhecer muito sobre sentidos afetivo-emocionais pelo estudo deste tipo de material, como fica evidente, por exemplo, no trabalho de Aros e Aiello-Vaisberg (2009). As autoras criaram uma narrativa psicanalítica do filme “Clube da luta”, para considerá-la com vistas à criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional. Estabelecendo interlocuções com o pensamento winnicottiano, puderam apontar que a exacerbação do individualismo, em si mesma uma defesa, dificulta o desenvolvimento da capacidade de se sentir vivo e real, além de opilar gestos espontâneos e transformadores de si e do mundo.

Sobre pesquisas que usam manifestações de internautas, observamos, hoje em dia, que depoimentos sobre o que se vive vêm ocorrendo, em âmbito *on-line*, numa altíssima frequência, de modo que vêm recebendo, compreensivelmente, atenção especial de pesquisadores nos últimos anos (SALMONS, 2017). Este tipo de material mostra-se interessante por variados motivos - práticos e teóricos. Começando pelo mais relevante, lembramos que o acesso dos pesquisadores da psicologia, à experiência vivida pelas pessoas, aumentou enormemente desde que puderam entrar em contato com manifestações de indivíduos e grupos que, pelos mais variados motivos, não buscam ajuda psicológica ou se posicionam em espaços sociais e culturais que não facilitam tomá-los como participantes de entrevistas psicológicas. Ampliar nosso acesso à população, e não apenas às camadas sociais culturalmente mais próximas da psicologia, é um ideal que temos perseguido há várias décadas (BLEGER 1966/1984).

REFERÊNCIAS

- AIELLO-FERNANDES, R. (2018). **Racismo e Psicanálise em Produções Acadêmicas**. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1055>
- AMBROSIO, F. F. (2013). **O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios Clínicos de psicoterapias**. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/452>

AROS, A.C.S.P. de .C, & AIELLO- Vaisberg, T. M J. (2009). **Clube da luta**: sofrimentos Radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: teoria e prática*, 11(2), 03-17. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000200002

ASSIS, N. D. P. D. (2019). **“Vadias ou Certinhas”**: Estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1226>

BICUDO, V. L. (1955). **Atitudes dos ooyppalunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas**. In: R. Bastide & F. Fernandes. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/Unesco.

BLEGER, J. (1984). **Psicohigiene e psicologia institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1966).

_____(1975). **Temas de psicologia**. Buenos Aires: Nueva Visión. (Original Publicado em 1964).

BOHOSLAVSKY, R. (1977). **Orientação profissional**: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes.

FABRIS-ZAVAGLIA, M. M. (2020). **A experiência vivida de mães de filhos diagnosticados como autistas e sofrimento social**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1327>

FREUD, S. (1955). **The interpretation of dreams**. New York: Basic Books. (Original publicado em 1900).

_____(1955). **Delusion and dream in Jensen's Gradiva**. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, vol. IX. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1907).

_____(1955). **Leonardo da Vinci and A Memory of His Childhood**. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, vol. XI. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1910).

_____(1955). **Two encyclopaedia articles**. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1922).

_____(1955). **On the teaching of psycho-analysis in universities**. In The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1919).

FROSH, S., & Mandelbaum, B. (2017). **“Like Kings in Their Kingdoms”**: Conservatism in Brazilian Psychoanalysis During the Dictatorship. *Political Psychology*, 38(4), 591–604.

FULGENCIO, L. (2020). **Incommensurability between paradigms**, revolutions and common ground in the development of psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(1), 13–41.

FULGENCIO, L. & COELHO, D. (2018). **As relações entre a empiria e a teoria na psicanálise** – uma discussão de dois psicanalistas pesquisadores. In Fulgencio, L.,

Birman, J., Kupermann, D. & Cunha, E. L. (2018). Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos. São Paulo: Zagodoni.

GILBERT, S. (2007). **La recherche qualitative d'orientation psychanalytique**: l'exemple de l'itinérance des jeunes adultes. *Recherches Qualitatives*, 3, 274–286.

_____(2020). **Quelques propositions relatives à l'intersection entre psychanalyse et recherche qualitative** : un enrichissement réciproque ? In *Analysis*, 4(1), 16–23. <https://doi.org/10.1016/j.inan.2020.01.008>

GOULART, D. M. BURMAN, E., & PARKER, I. (2019). **A formação dos psicólogos e a deformação da psicologia**: uma conversa com Erica Burman e Ian Parker. *Psicologia & sociedade*, 31.

GREENBERG, J. R., & MITCHELL, S. A. (1983). **Psychoanalysis and object relations theory**. New York: Basic Books.

HERRMANN, F. (1979). **Andaimes do real**: uma revisão crítica do método da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____(2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann, F. & T. Lowenkron. **Pesquisando Com o Método Psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____(2004). **Andaimes do Real**: a construção de um Pensamento. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP.

HOGGETT, P. (2018). A psycho-social perspective on social defences. In D. Armstrong. **Social defences against anxiety. Explorations in a Paradigm**. Londres: Routledge.

HOLLWAY, W. (2010). **Conflict in the transitions to becoming a mother**: A psycho-Social approach. *Psychoanalysis, Culture & Society*, 15(2), 136-155.

HOLLWAY, W., & JEFFERSON, T. (2013). **Doing Qualitative Research Differently**: A Psychosocial Approach. London: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781526402233>

LEUZINGER-BOHLEBER, M., KAUFHOLD, J., KALLENBACH, L., et all (2019). **How to measure sustained psychic transformations** in long-term treatments of chronically depressed patients: Symptomatic and structural changes in the LAC Depression Study of the outcome of cognitive-behavioural and psychoanalytic long-term treatments. *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(1), 99–127.

MEZAN, R. (2020). **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Editora Blucher.

MIDGLEY, N. (2006). Psychoanalysis and qualitative psychology: complementary or contradictory paradigms? *Qualitative Research in Psychology*, 3(3), 213–231. <https://doi.org/10.1191/1478088706qrp065oa>

PARKER, I. (2010). **Lacanian psychoanalysis**: Revolutions in subjectivity. Londres: Routledge.

PLASTINO, C. (2012). **The spontaneous emergence of the ethical feeling as a human nature tendency**. *Winnicott E-Prints*, 7(1), 80–113.

POLITZER, G. (2004). **Crítica dos fundamentos da psicologia**: a psicologia e a psicanálise. Piracicaba: Editora UNIMEP. (Original publicado em 1928).

ROUDINESCO, E. (2003). **État de la psychanalyse dans le monde**. In R. Major. *Etats généraux de la psychanalyse*. Paris: Aubier.

SIMON, R. (1993). **Pesquisa combinando técnicas projetivas e psicanálise**. In M. E. L. Silva. *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus.

TARDIVO, L. S. de L. P. (2011). **O ludodiagnóstico e a psicopatologia infantil: compreensão e intervenção junto a crianças em sofrimento psíquico**. *Anais Congresso Brasileiro de Ludodiagnóstico*, 2(2).